



JORNALISMO INDEPENDENTE NOS TERRITÓRIOS LATINO-AMERICANOS: HORIZONTALIDADES E VERTICALIDADES NA DINÂMICA DE APOIO E DE FINANCIAMENTO

Vanessa da Costa Oliveira

Doutora em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul (2021), com período de doutorado-sanduíche no Doctorado de Comunicación, Lenguaje e Información, da Pontificia Universidad Javeriana, em Bogotá - Colômbia. Integra a Assessoria da Vice-Reitoria de Graduação da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. vanessa.costa@unijui.edu.br.

Ângela Cristina Trevisan Felippi

Doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2006). Realizou estágio pós-doutoral em Comunicación – Recepción y Cultura, na Universidad Católica del Uruguay (2018). Tem formação de graduação e experiência profissional em Jornalismo. Desde 2000 é professora da Universidade de Santa Cruz do Sul, atuando nos programas de pós-graduação em Desenvolvimento Regional e em Letras e nas graduações em Comunicação Social. É líder do Grupo de Pesquisa do Cnpq Desenvolvimento Regional e Processos Socioculturais. angelafe@unisc.br.

RESUMO: A América Latina manifesta a partir dos anos 2010 o advento de experiências de Jornalismo Independente, um modelo de jornalismo inovador nos aspectos editoriais, de gestão e de financiamento. O modelo que confronta o jornalismo tradicional, oferecendo enquadramentos da realidade distintos cobertura tradicional e questiona o financiamento publicitário da imprensa. O fenômeno não é exclusivo do subcontinente, no entanto nele carrega particularidades decorrentes de sua constituição nesta região e em seus muitos territórios, expondo os limites do processo de desenvolvimento latino-americano. Este trabalho parte de uma investigação concluída em 2021 a respeito da forma cultural do jornalismo independente latino-americano, na qual foram examinadas oito experiências jornalísticas distribuídas no subcontinente. Neste texto, o estudo é ampliado para um aspecto não esgotado na referida pesquisa: as ações de apoio técnico e de financiamento do jornalismo independente, capitaneadas tanto por organizações nativas da América Latina,



como por organizações exógenas com ação global. O artigo problematiza estas ações na dinâmica do jornalismo independente, tomando como categorias teóricas os conceitos de verticalidade e horizontalidade de Milton Santos (2014).

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Independente. Território. Verticalidades. Horizontalidades. América Latina.

1 INTRODUÇÃO

Haesbaert e Limonad (2007, p. 42) veem o território como “uma construção histórica e, portanto, social, a partir das relações de poder (concreto e simbólico) que envolvem, concomitantemente sociedade e espaço geográfico”. Conforme os autores, no mundo globalizado desse início de século, tanto o território, quanto os processos de territorialização, são o resultado da articulação de duas dimensões principais: a material, relacionada aos aspectos políticos e econômicos; e a simbólica, ligada à cultura, ao conjunto de símbolos e valores partilhados por um grupo social.

Ao tomarmos o subcontinente latino-americano como *locus* para o estudo que apresentamos, o compreendemos como uma região constituída por arranjos territoriais que expressam as formas de apropriação e o uso do espaço pelos que os habitam. Dada sua história social, política, econômica e de colonização, marcada por verticalidades e por horizontalidades, a região tanto apresenta semelhanças internas que vão além da sua contiguidade territorial, com particularidades que lhe garantem identidade. Assim como, em aparente contradição, apresenta forte diversidade interna, o que contribui para a constituição de inúmeros territórios em diferentes escalas.

Essa América Latina de territórios diversos, manifesta a partir dos anos 2010 um fenômeno comum, o advento de experiências de Jornalismo Independente. Trata-se de um tipo de jornalismo que se marca por ser nativo digital, por trazer pautas e enquadramentos alternativos às abordagens tradicionais, e por ser organizado em arranjos produtivos e com modos de financiamento não ortodoxos. O Jornalismo Independente não é um fenômeno exclusivo da América Latina, mas aqui adquire contornos próprios (OLIVEIRA, 2021). Assim como não é um fenômeno homogêneo, expressando uma riqueza de experiências diversas, mas que guardam características comuns e o distinguem do jornalismo tradicional.



Em 2017, a organização *SembraMedia*¹ publicou uma pesquisa sobre o que denominou de “meios nativos digitais” - considerados como as mídias que já nascem no ambiente da *web*. Na pesquisa, evidenciava que os mesmos estavam “transformando profundamente” a produção e o consumo de jornalismo na América Latina (SEBRAMEDIA, 2017, p. 6). Os nativos digitais a que a organização se referia são aqueles que sobretudo têm representado uma alternativa editorial e de modelo de negócio quando comparados à mídia tradicional.

No entanto, apesar de um fenômeno emergente e de significativa proliferação, o Jornalismo Independente enfrenta muitos desafios. Parte, relacionados à gestão administrativa e financeira dos empreendimentos, não apenas por se tratar de um modelo novo de fazer jornalismo, mas porque este modelo confronta o jornalismo tradicional. O sistema midiático latino-americano, na direção do sistema mundial, constituiu-se e predomina como privado, comercial e organizado em redes corporativas que dominam os negócios de mídia. Esta configuração torna o sistema midiático um canal de legitimação discursiva das hegemonias, o que na contemporaneidade significa um importante espaço de constituição de consensos em torno do sistema capitalista em sua fase neoliberal.

Em reação à situação acima, a região produziu em certos momentos históricos ao longo dos últimos cem anos formas de jornalismo alternativo, nomeados por jornalismo operário, sindical, anarquista, feminista, de luta pela terra, ambiental e de direitos humanos, entre outros. Estas tipologias surgiram em territórios nos quais grupos sociais sentem-se alijados dos benefícios materiais e simbólicos do desenvolvimento. Portanto, é um jornalismo que expõe os limites dos processos de desenvolvimento e disputa discursivamente a construção do espaço, dando visibilidade a alternativas aos modelos dominantes de desenvolvimento.

Destarte, este texto parte de uma investigação concluída em 2021 a respeito da forma cultural do jornalismo independente latino-americano², a qual se debruçou sobre oito experiências jornalísticas distribuídas pelo subcontinente, procurando compreendê-las enquanto uma nova forma cultural do jornalismo. Ancorada teórica e metodologicamente nos Estudos Culturais e nos estudos sobre território, a investigação tem no circuito da cultura de Richard Johnson (2010) seu protocolo metodológico, tomando os quatro momentos do circuito produtivo:

1 Organização sem fins lucrativos que presta suporte técnico aos meios independentes digitais a desenvolver modelos de negócio sustentáveis, facilitando o intercâmbio entre esses meios, bem como a aprendizagem de habilidades para a gestão de negócios.

2 OLIVEIRA, Vanessa Costa de. A configuração da forma cultural do jornalismo independente nos territórios latino-americanos. 2021. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2021.



Produção, Produto, Leitura e Culturas Vivas. Com o protocolo de Johnson, percorreu-se o circuito produtivo por meio de revisão bibliográfica, pesquisa documental, pesquisa com dados secundários, observação e entrevistas com profissionais dos “independentes” selecionados e de representantes das organizações de apoio técnico ou financeiro *SembraMedia*, *Fundación Gabo* e *Open Society*. As organizações de jornalismo independente estudadas foram: *Agência Pública* - Brasil, *Chequeado* - Argentina, *Sudestada* - Uruguai, *GK.city* - Equador, *La Silla Vacía* - Colômbia, *Animal Político* - México, *Contra Corriente* - Honduras, e *Nómada* - Guatemala.

Neste artigo, recorta-se o olhar nas ações de apoio técnico e de financiamento do jornalismo independente latino-americano, fornecido por algumas organizações nativas do subcontinente ou exógenas. Essas ações foram exploradas na referida pesquisa, porém neste texto avançamos problematizando-as a partir das categorias teóricas de verticalidade e horizontalidade, de Milton Santos (2014), ainda nos valendo de dados coletados durante a pesquisa.

2 TERRITÓRIOS LATINO-AMERICANOS

O desenvolvimento dos países latino-americanos compartilha experiências políticas, econômicas, culturais e sociais, assim como estabelece suas fronteiras simbólicas. É preciso considerar, assim, a semelhança da formação socioespacial latino-americana, historicamente marcada por uma relação de subordinação colonial europeia, posteriormente, ao imperialismo norte-americano e ao sistema capitalista mundial (SOUZA; SILVEIRA, 2014). Trata-se, portanto, de um conjunto de experiências históricas, de tempos, que colocam a América Latina numa posição de região periférica, marcada por forte desigualdade das condições de vida da sua população.

A Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL), criada em 1948 pelo Conselho Econômico e Social das Nações Unidas com o objetivo de incentivar a cooperação econômica entre os seus membros, caracteriza o desenvolvimento econômico e social da região como altamente desigual. De acordo com o Panorama Social da América Latina de 2016, estudo elaborado pela CEPAL, reconhece-se que o desenvolvimento desigual da região é um fenômeno multidimensional, causado por inúmeros fatores (CEPAL, 2016), o que inclusive se agravou durante o período da pandemia de Covid-19, como evidenciaram os relatórios da CEPAL de 2020, 2021 e 2022. Ressalta-se que apesar das desigualdades socioeconômicas marcantes do subcontinente e sua condição de subalternidade na



geopolítica mundial, o protagonismo do elemento cultural se constituiu como aspecto fundamental e indissociável de formação dos territórios latino-americanos.

Cabe observar a proposição de Haesbaert (2004) sobre a importância de se distinguir os territórios a partir de uma lógica avessa ao processo de homogeneização que ocorre com a globalização. É preciso levar em consideração os sujeitos e instituições sociais que os constroem, sendo cada qual dotada de agentes, como por exemplo o próprio Estado, as igrejas, as escolas, a mídia, entre outros (HAESBAERT, 2004). O autor toma o território como um recorte espacial de construção material e simbólica feito a partir das atividades de produção, definido pelo uso dos sujeitos em sociedade e suas relações de poder, sendo, assim, um espaço-tempo-vivido.

A dimensão temporal articulada à espacial está na obra de David Harvey (2015), e implica na ideia de relações internas e influências externas, ambas constituintes do espaço em processos através do tempo. “Um evento ou uma coisa situada em um ponto do espaço não pode ser compreendida em referência apenas ao que existe somente naquele ponto. Ele depende de tudo o que está ao redor dele”. (HARVEY, 2015, p. 130). Portanto, o tempo é visto enquanto processo histórico, e o espaço, como a acumulação desigual de tempos (SANTOS, 2014, p. 84). O espaço, nessa relação com o tempo, articula as distintas temporalidades sociais. Milton Santos atenta para o espaço ser o suporte e a condição para a relações globais. Ao que lança a proposição de duas segmentações nos arranjos espaciais: as verticalidades e as horizontalidades.

Enquanto as horizontalidades são, sobretudo, a fábrica da produção propriamente dita e o lócus de uma cooperação mais limitada, as verticalidades dão, sobretudo, conta dos outros momentos de produção (circulação, distribuição, consumo) sendo o veículo de uma cooperação mais ampla, tanto econômica e politicamente, quanto geograficamente. (SANTOS, 2014, p. 284).

Em um espaço-tempo marcado pela globalização as verticalidades são o arranjo espacial predominante, na qual, de acordo com Santos (1994), os agentes que detêm a hegemonia do poder e do capital se apropriam do território. As verticalidades dão conta de imposições feitas por forças exógenas, em um movimento *top-down*, que desconsidera a participação dos atores e suas demandas, atuando a serviço dos atores hegemônicos. “São os vetores da integração hierárquica regulada, doravante necessária em todos os lugares da produção globalizada e controlada à distância” (SANTOS, 1994, p. 26). As verticalidades asseguram o funcionamento global da sociedade e da economia, promovendo uma interação



vertical, dependente e alienada, geradora de competitividade e exclusão social (SANTOS, 2003).

Já as horizontalidades correspondem a uma atuação na perspectiva do interesse comum, da solidariedade e da equidade, sendo uma via contra o processo de globalização. Diz respeito, à “produção local de uma integração solidária, obtida mediante solidariedades horizontais internas, tanto de natureza econômica, social e cultural como propriamente geográfica” (SANTOS, 2003, p. 53). A união vertical dos lugares é a tendência atual, na medida em que créditos internacionais são ofertados às regiões mais pobres, o que possibilita que as redes que estão a serviço do capital se estabeleçam nos territórios. Contudo, o Santos destaca a potencialidade dos territórios para se fortalecerem horizontalmente a partir de ações que se construam das demandas daquele território, tendo como base a coesão da sociedade civil e estando a serviço de um interesse coletivo.

Espaço e tempo estão permeados de modos de viver, a partir das interações sociais que sustentam. Em outras palavras, estão carregados de elementos culturais. O território, assim, é um recorte espacial que reúne esse conjunto de articulações de espaço-tempo, a relação homem e natureza, e as interações socioculturais que pressupõem disputas e relações de poder. *“El territorio expresa el tiempo en la medida en que está formado por elementos históricos y culturales de los grupos que se apropian del espacio y lo hacen territorio; cargan identidades, pero también conflictos y luchas”* (FELIPPI; VILLELA; SILVEIRA, 2019, p. 111).

A constituição dos territórios latino-americanos é, historicamente, marcada por relações de forças exógenas e endógenas, que foram conformando a região. No caso da prática *top-down*, a mesma não foi exclusiva do período colonial. Com novas nuances, segue na realidade pós-colonial latino-americana sob a forma de relações econômicas e políticas desiguais e da imposição de agendas vindas dos países centrais localizados no hemisfério Norte. Por outro lado, a América Latina foi gestando suas formas de resistência e resiliência na subalternidade, constituindo dinâmicas próprias em diferentes campos.

São nessas particularidades latino-americanas, de territórios atravessados por verticalidades, mas também formados por horizontalidades, em que Martín-Barbero (2003) identifica uma modernidade marcada por múltiplas temporalidades: espaços nos quais as tradições resistem, mas que os atrasos são contemporâneos; e também em que a modernização carrega contradições e a modernidade se concretiza como uma experiência tardia e heterogênea.



Ao fazer reflexão do fenômeno do jornalismo independente nos territórios latino-americanos, observá-lo implica no reconhecimento desse espaço-tempo no qual a ocorrência se forma, pois, ainda de acordo com Harvey (2015), aquilo que se faz e pensa é completamente dependente do espaço-temporal ao qual se vincula. E a prática social se expressa nas representações simbólicas, do mesmo modo que o território é a mediação para compreender os processos comunicacionais.

3 JORNALISMO INDEPENDENTE NA AMÉRICA LATINA

O jornalismo é uma prática social dinâmica e que vai reconfigurando sua forma na articulação com o espaço-tempo-vivido dos territórios. No início do presente século, esta articulação faz nascer o jornalismo independente, como uma espécie de resposta à crise de credibilidade e econômica do jornalismo tradicional (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013), num tempo-espaço de emergência de tecnologias de produção e de circulação digitais de informação e de comunicação

Como consequência das fragilidades e potencialidades do jornalismo em um espaço-tempo, nasce um tipo de jornalismo em que predominam abordagens da realidade que exploram aspectos, atores e grupos sociais negligenciados pela mídia tradicional, dedicando-se a temáticas relacionadas especialmente aos direitos humanos e à questão ambiental. No aspecto da organização produtiva, apresenta-se numa diversidade de arranjos que vão de coletivos de trabalho a organizações cooperativas ou organizações não-governamentais, cujo financiamento também se mostra inovador e será ampliado a seguir no artigo.

Sob o aspecto de produto, o jornalismo independente latino-americano é ofertado em sites com conteúdos noticiosos, nos quais os temas reportados são apresentados em texto, fotografia, vídeo, áudio, podcast, mapa, gráfico, tabela e outros, valendo-se de recursos característicos do jornalismo digital, como a interatividade, a hipertextualidade e a multimídia. Predominam as reportagens, mas há notícias, artigos, editoriais, comentários, entrevistas e notas curtas. Cada mídia independente tende a se especializar em certas frentes, como as questões do mundo do trabalho, a temática de gêneros ou de raça, as desigualdades econômicas e sociais ou a problemática ambiental. Os sites independentes se desdobram na presença de conteúdo em páginas em redes sociais, e outros recursos para distribuição da informação são utilizados, como *newsletters* enviadas por *e-mail* ou *Whatsapp/Telegram*. A Figura 1 ilustra a disposição dos conteúdos nos sites:



Figura 1 - Site da Agência Pública



Fonte: publica.com (2023).

Para Salaverría et al (2019) esses empreendimentos de jornalismo que se caracterizam por serem nativos digitais, desafiam o panorama do jornalismo tradicional na América Latina, sendo essa a região, para os autores, a que sofreu uma das mais profundas evoluções no campo do jornalismo com as tecnologias. Vázquez (2018), por sua vez, afirma que na América Latina, o ambiente propício para a emergência do fenômeno do jornalismo independente é impulsionado pelas condições sociais e políticas degradadas.

Muito embora seja uma tipologia de jornalismo nova, não tenha uma denominação consensual³ e ainda é incipiente enquanto categoria teórica, Bennet (2015) define a mídia independente - *independent media*, no original - como uma formação industrial específica que inclui, por exemplo, o cinema independente, a televisão independente, o jornal independente, os jogos independentes e a música independente. Essa mídia é politizada e oferece espaço para críticas ao capitalismo e ao mercado, é totalmente livre do mercado, e, conseqüentemente, não é radicalmente política, diferente da mídia alternativa. Produz

3 Jornalismo Independente é como parte das experiências se autodenominam. São encontrados ainda as expressões jornalismo alternativo/mídia alternativa, nativos digitais, jornalismo *start-up*, jornalismo investigativo sem fins-lucrativos, jornalismo alternativo digital, meios jornalísticos emergentes, arranjos alternativos, jornalismo contra-hegemônico/não-hegemônico, entre outras, todas fazendo referência ao mesmo fenômeno.



arranjos híbridos, que oferecem alternativas genuínas – se não absolutas – ao *mainstream*, a posicionando entre a mídia *mainstream* e a mídia alternativa (BENNET, 2015). O Quadro 1 busca elucidar a noção de independência:

Quadro 1 – Aspectos da mídia independente

| Independência de quem? | De que? | Por quais meios? |
|------------------------|---------------------------|--------------------------|
| Sistema midiático | Estado/Governo | Leis e estatutos |
| Organizações de mídia | Partidos políticos | Arranjos organizacionais |
| Jornalismo | Grupos de interesse | Auto regulação |
| Emissor | Forças do mercado | Diretrizes éticas |
| | Grandes empresas de mídia | Cultura profissional |
| | Mainstream | |

Fonte: Karppinen e Moe (2016, p. 113) – tradução nossa.

Ainda que hajam pesquisas que auxiliam a compreender o jornalismo independente desde um ponto de vista macro, advoga-se aqui que a América Latina necessita de seu próprio conceito de jornalismo independente, que considere as particularidades de uma produção que se dá nesse espaço-tempo, inclusive decorrente das condições sociais e políticas degradadas (VÁZQUEZ, 2018).

De acordo com os resultados de *SembraMedia* (2017), as organizações de jornalismo independente latino-americanos produzem um conteúdo que têm repercussões em seus territórios, que vão desde a proteção de espécies em perigo até o desenvolvimento de políticas e investigações que levam à renúncia de políticos corruptos (SEMBRAMEDIA, 2017). “[...] están publicando historias que otros medios en sus países no pueden (o no quieren) debido al control gubernamental, a las amenazas, o a la influencia de intereses financieros” (SEMBRAMEDIA, 2017, p. 16).

Horn (2022) destaca em sua pesquisa diferenças entre o jornalismo independente brasileiro, e, portanto, latino-americano, e o francês. Enquanto no Brasil o perfil editorial estaria mais alinhado com um jornalismo de luta contra-hegemônica e de pautas sociais, além de exprimir uma tendência a reportar a informação de maneira colaborativa, na França o aspecto social não teria tamanha relevância no jornalismo independente, no qual as denúncias de desigualdade não têm tanto espaço quanto no caso brasileiro.



Na América Latina, a primeira experiência independente data 1998, em El Salvador, com o site *El Faro* (BARRAGÁN, 2018), que apostou no jornalismo investigativo. Desde então, centenas de iniciativas independentes foram criadas. *SembraMedia* faz um mapeamento constante dos chamados nativos digitais na América Latina, com exceção dos sites brasileiros. Em 2022, esse diretório soma 1117 meios (SEMBRAMEDIA, 2022). No caso brasileiro, temos o levantamento da Agência Pública, com 169 sites independentes⁴. A Figura 1, embora ilustre um panorama de 2023, aponta para a distribuição das experiências pelo subcontinente.

Figura 2 – Mapa do jornalismo independente na América Latina



Fonte: Elaborado por Oliveira (2023) a partir de *mapchart.net*, com dados de *SembraMedia* e Agência Pública.

⁴ Em 2016 a Agência Pública realizou um mapeamento de 82 sites de jornalismo independente. Desde então, o levantamento conta com a colaboração dos leitores, que até o início de 2023, havia indicado outros 87 sites.



Identifica-se na atualidade que já há duas gerações de jornalismo independente na região (OLIVEIRA, 2021). Uma, com organizações que datam os anos 2010 e outra, com sites criados a partir de 2014. A primeira, são referência para os meios mais novos porque são negócios consolidados, com equipes de 20 integrantes ou mais, apresentam equilíbrio financeiro e foram inovadores em algum aspecto do processo produtivo. Para ilustrar, o *Chequeado* foi o primeiro a fazer *fact-checking*; e a *Agência Pública* inovou com o formato de agência de reportagens investigativas *creative commons*. Identificamos esse perfil em sites como o *CIPER*, no Chile, *La Silla Vacía*, na Colômbia, *Chequeado*, na Argentina, *Agência Pública*, no Brasil, *IDL-Reporteros*, no Peru, *Animal Político*, no México, e *GK.city*, no Equador, entre outros.

A nova geração de organizações de jornalismo independente nasce a partir de 2014 inovando e com uma linguagem mais acessível, formatos mais arrojados e plurais, incorporando demandas sociopolíticas do período. No entanto, características como a busca pela autonomia editorial e uma predisposição a temáticas de cunho mais social se mantêm, o que os caracteriza como integrantes do movimento do jornalismo independente. Destaca-se neste grupo: *Sudestada* (Uruguai), *Nómada* (Guatemala), *Contra Corriente* (Honduras), *Ojo Público* (Perú), *El Surtidor* (Paraguai) e *The Intercept Brasil* (Brasil), entre outros tantos.

4 APOIO E FINANCIAMENTO AO JORNALISMO INDEPENDENTE LATINO-AMERICANO

O Jornalismo Independente latino-americano enfrenta alguns desafios para sua consolidação, com barreiras difíceis de transpor, quase todas relacionadas à gestão financeira do negócio (OLIVEIRA, 2021). Em parte, a causa está relacionada ao que diz a diretora executiva de *Chequeado* (2019): “*La mayoría los que somos emprendedores somos periodistas. Nos gusta más hacer investigaciones y reporteo, que estar ocupándonos del modelo de negocios de la organización*”. Em parte, deve-se à linha editorial predominante nos independentes que implica justamente na independência editorial, o que afasta os financiadores tradicionais da mídia comercial que operam por meio da publicidade.

Esta, que é a marca dos independentes, os levou a criar organizações com naturezas diversas da organização privada tradicional. São cooperativas, coletivos de trabalho, organizações não governamentais e outros arranjos de negócios, que remetem a formas também diferenciadas de financiamento. Esses vão desde a assinatura do conteúdo, a



contribuição individual (*crowdfunding*), a prestação de serviços em comunicação às contribuições financeiras de organizações voltadas ao fomento deste tipo de jornalismo.

Quadro 2 - Formas de financiamento dos jornais independentes

| FORMAS DE FINANCIAMENTO |
|---|
| <ul style="list-style-type: none"> • Cooperação internacional • Patrocínio de projetos e eventos • Capacitação • Consultoria • Checagem de informação • Conteúdos comerciais • Publicidade • Financiamento dos leitores (assinaturas e <i>crowdfunding</i>) • Doadores individuais • Doação de empresas • Produção de conteúdo • Traduções • Oficinas • Bancos de dados • Empréstimos bancários • Vendas de ações |

Fonte: Adaptado de Oliveira (2021).

Parte significativa do financiamento dos independentes vêm de organizações criadas para dar apoio aos empreendimentos, denominadas na literatura administrativa de “aceleradoras”. São organizações que comumente apoiam negócios de *startups*, que guardam relações com as iniciativas de jornalismo independente, uma vez que são negócios de pequeno porte, geradores de empregos, produtores em inovação e carentes de recursos. Diferentemente do que ocorre em outros setores do mercado, em que as aceleradoras são empresas consolidadas que apoiam iniciativas, no segmento do jornalismo independente são organizações de caráter mais social, educativo ou filantropo, que trabalham para a consolidação destas experiências no setor de comunicação. Parte destas organizações se dedica à formação profissional das equipes dos independentes em jornalismo digital, na



capacitação para aprimoramento da produção de conteúdo, captação de recursos e gestão. E parte dá suporte financeiro por meio de editais de fomento, doações, patrocínio e/ou grants.

O apoio técnico e financeiro aos independentes latino-americanos é problematizado neste texto enquanto ações com potencial para mobilizar as horizontalidades no que diz respeito ao desenvolvimento do jornalismo independente no subcontinente. Isso porque as organizações apoiadoras se dedicam a fomentar iniciativas jornalísticas estimulando a troca de experiências, a colaboração mútua e o desenvolvimento de iniciativas autóctones e comprometidas com pautas voltadas à democratização da informação, à transparência pública e à garantia dos direitos humanos das populações dos territórios latino-americanos.

Entre as organizações estão *SembraMedia*, *Fundación Gabo*, *Agência Pública*⁵, *Instituto Prensa y Sociedad*, *Knight Center for Journalism in the Americas*, com atuação ou exclusiva ou mais intensa na América Latina. E *Ford Foundation*, *OAK Foundation*, *Climate and Land Use Alliance*, *Open Society Foundations*, *European Climate Foundation*, *Alana*, entre outras, com capilaridade mundial. Para análise neste trabalho, tomamos a atuação de três delas, *SembraMedia*, *Fundación Gabo* e *Open Society Foundation*, tendo como critério serem mencionadas nas entrevistas com os profissionais dos oito sites independentes estudados, indicando serem as que tem mais organização, estrutura e atuação, sendo duas delas voltadas quase que exclusivamente ao fomento do jornalismo na região e uma de ação global, o que permite a comparação das experiências.

SembraMedia é uma organização direcionada aos nativos digitais de língua espanhola localizados no continente americano e na Espanha. Fundada em 2015, não tem sede física e é dirigida a partir do país das duas sócias, Estados Unidos e Argentina, tendo “embaixadores” em 19 países. A organização atua por meio de uma escola virtual de formação para o desenvolvimento dos meios digitais não corporativos, de consultoria e de financiamento, além de manter um diretório de sites independentes. O slogan disposto na página inicial do site é “*Impulsionamos el éxito de emprendedores de medios digitales*” (SEBRAMEDIA, 2023). Nas chamadas do site, são acionados os termos “sustentabilidade” e “inovação” como centrais no que buscam para os meios nativos. E sua missão compreende: “*Nuestra misión es potencializar voces diversas de habla hispanica en Latinoamerica, España, Estados Unidos y Canadá para que puedan sostener su independencia, calidad periodística e impacto positivo en la ciudadanía.*” (SEBRAMEDIA, 2023). Das organizações selecionadas é a única a ofertar formação em gestão. Seus recursos vêm de cursos pagos pelo público e

⁵ A Agência Pública é uma das mídias independentes pioneiras no Brasil, e dado seu protagonismo, fomenta iniciativas semelhantes no país.



principalmente de organizações consideradas “aliadas”, entre as quais fundações filantrópicas globais, como a *Ford Foundation*, e empresas de grandes plataformas de comunicação, como *Google* e *Meta*. Como justificativa para sua existência, explica:

A pesar de algunos casos exitosos e inspiradores, una gran cantidad de periodistas emprendedores/as de la región se encuentran aislados/as y luchan por desarrollar modelos de negocios sostenibles. Nuestro objetivo es aumentar sus oportunidades de éxito con la creación de una comunidad en línea donde se pueden conectar con otros y otras que comparten retos similares y aprender de sus experiencias. (SEMBRAMEDIA, 2023).

A *Fundación Gabo* nasceu em 1995 em Cartagena das Índias, na Colômbia, idealizada pelo escritor e jornalista Gabriel García Márquez, Prêmio Nobel de Literatura, “*para formar y conectar periodistas de toda la región*” (FUNDACIÓN GABO, 2023). Até meados de 2019 tinha o nome de *Fundación para el Nuevo Periodismo Ibero-americano*. Na cidade colombiana, mantém o *Centro Gabo*, de onde se produzem notícias, materiais de formação para o jornalismo e sobre a obra do escritor fundador, difundidas especialmente no site oficial. As ações desta organização são sobretudo nos países latino-americanos, porém os demais países da América não são excluídos. Atua na formação de jornalistas por meio de cursos, bolsas, publicações, premiações e um festival. O *Festival Gabo* é anual e conta com cursos, oficinas e palestras e premia as melhores reportagens da América. A missão da *Fundación* é: “*Fomentar ciudadanos activos y mejor informados mediante la formación y estímulo a los periodistas, y la promoción del uso ético y creativo del poder de contar y compartir historias, inspirados en el legado de Gabriel García Márquez y su método de taller*”. (FUNDACIÓN GABO, 2023). A *Gabo* também tem “aliados”, a maioria fundações e organizações americanas e europeias voltadas ao jornalismo, mas assim como a *SembraMedia*, tem ao menos uma parceria com a *Meta*, por meio de um programa de jornalismo do *Facebook*.

A *Open Society Foundation* foi criada pelo bilionário húngaro-americano George Soros, e é conhecida como a maior financiadora do mundo de grupos e projetos jornalísticos independentes. Mas sua atuação vai além do fomento ao jornalismo. No texto de chamada do seu site, está o compromisso com a construção de democracias, presente em ações de filantropia dirigidas à saúde, à educação, à justiça racial, à retomada democrática, ao combate ao genocídio, à busca pela paz, entre outras, desde o final da década de 1970 nos distintos continentes (OPEN SOCIETY FOUNDATION, 2023). No que concerne ao jornalismo independente, as práticas da *Open Society* se voltam para o financiamento das experiências jornalísticas que dão visibilidade às pautas fomentadas pela filantropia. Todos os sites



independentes estudados nesta pesquisa em algum momento receberam recursos da Open Society, que em muitos casos tomou a iniciativa de oferecer recursos aos sites.

O exame das oito experiências de jornalismo independente apontou a forte presença das organizações apoiadoras no desenvolvimento das experiências. As organizações *SembraMedia* e *Fundación Gabo* atuam de forma semelhante no que tange à formação dos jornalistas. Utilizam a metodologia de intercâmbio de experiências, expressado pelo diretor e cofundador da *Fundación Gabo*⁶: “[...] un intercambio de experiencias, de buenas prácticas, de formación y de conocimiento. Es decir: ‘en esto momento, en América Latina, nos conocemos e intercambiamos’”. A direção da *Fundación Gabo* acredita ser responsável por dar visibilidade e conectar as experiências no subcontinente. Os capacitadores são oriundos de sites independentes consolidados e integram, por exemplo, o Conselho Reitor da *Fundación Gabo*. O *Festival Gabo* tem sido “una especie de zona donde se van fermentando esos procesos. (...) un espacio real, unos intercambios, una inspiración, una narrativa, una sensación de comunidad de buenas prácticas y de los avances del periodismo”. (DIRETOR E COFUNDADOR DA FUNDACIÓN GABO, 2020). E no caso específico da *SembraMedia*, ao criar e manter um diretório de experiências independentes, a organização consegue identificar os principais problemas e estabelecer ações para saná-los.

Compreendemos que a *Fundación Gabo* e *SembraMedia* constituem cada qual um grande nó de uma rede e os fluxos que se estabelecem a partir daí interferem nas identificações e referências espaço-simbólicas dos indivíduos (HAESBAERT, 2012), e evidencia a dimensão temporal-móvel dos territórios – nesse caso, latino-americanos –, assim como o seu dinamismo e perspectivas de conexão. Nesse sentido, “territorializar-se significa também, construir e/ou controlar fluxos/redes e criar referências simbólicas num espaço em movimento, no e pelo movimento” (HAESBAERT, 2012, p. 279).

A pesquisa de campo permitiu atestar que as redes são fomentadas pelas organizações e se tornam efetivas, fortalecem a identidade comum dos independentes latino-americanos, conectam territórios distintos e distantes e viabilizam a produção de conteúdo em parceria. Um exemplo são as reportagens colaborativas, como a cobertura de imprensa sobre a *Operação Lava-Jato*, operação empreendida pelo poder judiciário brasileiro com vistas ao combate à corrupção, ocorrida a partir de 2014, com desdobramentos em países como o Uruguai e a Bolívia. Algumas reportagens foram realizadas em conjunto entre os independentes desses três países, o que permitiu melhor apuração e qualidade final do

⁶ Os nomes dos entrevistados foram preservados.



conteúdo. No que diz respeito à formação de jornalistas, entrevistados desta pesquisa citaram vários exemplos de como os capacitadores de *SembraMedia* e da *Fundación Gabo*, muitos jornalistas de sites independentes consolidados, compartilharam formas de fazer que contribuíram para a inovação dos meios em consolidação.

Da parte dos sites independentes, a busca ou a aceitação do apoio e financiamento, na forma de cooperação na maioria dos casos, internacional, é fundamental para boa parte dos produtores de jornalismo independentes. De acordo com *SembraMedia* (2022) as doações de organizações norte-americanas e europeias, é a maior fonte de ingresso do jornalismo independente. O levantamento da cooperação internacional das oito experiências analisadas indicou cerca de 20 entidades financiadoras diferentes, mas duas delas se repetem com frequência e são as responsáveis pelos aportes iniciais de muitas experiências, sendo elas a *Ford Foundation* e a *Open Society Foundation*.

O financiamento vindo de organizações dos países centrais, como a *Ford Foundation* e a *Open Society* não estão eximidos de críticas no meio independente. São organizações ou pertencem a corporações cuja atuação histórica vai de encontro a questões caras a boa parte dos independentes, como a autonomia econômica e política da América Latina, os direitos humanos e a pauta ambiental. A *Open Society*, por exemplo, tem grande capilaridade entre os projetos de jornalismo independente não apenas latino-americanos, tendo um programa específico para os independentes, o *Program on Independent Journalism*, que apoia produtores que verificam e explicam a realidade, e que inspiram a autorreflexão e o pensamento crítico que uma sociedade aberta exige, conforme disposto em seu site (OPEN SOCIETY FOUNDATION, 2023). De acordo com o orçamento de 2020 da *Open Society*, U\$\$ 2,4 milhões foram destinados ao jornalismo somente na América Latina. Como é ligada a George Soros, muitas especulações sobre o que seriam os “reais” objetivos do financiamento surgem. As suspeitas, no entanto, não surgem com relação à *Fundación Gabo* e à *SembraMedia*.

Por outro lado, as críticas não foram apontadas diretamente pelos jornalistas dos independentes. Para o cofundador e diretor do *Sudestada* (2020) os recursos que receberam permitiu o funcionamento do independente por algum tempo, ocasião em que puderam contratar profissionais e realizar aprimoramento técnico do site. O *Sudestada* é integrado por três sócios fundadores que trabalham voluntariamente na iniciativa, tendo outros empregos que lhe garantem o sustento. Nem no *Sudestada*, nem em outra organização ouvida na pesquisa foi feita menção de interferência editorial a partir do financiamento, inclusive que a liberdade editorial estava acordada em contrato com a *Open Society*.



A presença das organizações de suporte técnico e financeiro tem contribuído para o surgimento, manutenção, ampliação e profissionalização das experiências de jornalismo independente. Ambas organizações têm métricas a respeito de cursos e oficinas ministrados, de recursos financeiros destinados às experiências e os profissionais alcançados⁷. De acordo com as pesquisas de *SembraMedia*, em 2016, 17% das organizações investigadas não possuíam nenhuma fonte de ingresso. Já o relatório publicado em 2021 afirma que a situação na região melhorou, registrando um crescimento econômico do jornalismo independente. Ainda assim, é preciso reconhecer a fragilidade destes negócios. Dentre as oito experiências pesquisadas, uma já não existe mais e seu fechamento foi, entre outros, por dificuldades financeiras. Identifica-se uma pluralidade de modelos de negócios e nela, os que alcançaram pluralidade nas fontes de receitas, bem como buscam um equilíbrio entre essas fontes, até os que são dependentes das fundações internacionais e também aqueles sem nenhum tipo de ingresso, nos quais, inclusive, os jornalistas são voluntários na maior parte do tempo, como é o caso de *Sudestada*, no Uruguai.

5 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS VERTICALIDADE E AS HORIZONTALIDADES

A reflexão posta aqui permitiu constatar que o fomento dado pelas organizações “aceleradoras” resulta em ganhos no fortalecimento do jornalismo independente, o que põem estas organizações no lugar de forças promotoras das horizontalidades, nos termos de Santos (2014). As mesmas fortalecem a atuação solidária, o interesse coletivo, qual seja, da informação independente, plural e de qualidade, e que, de alguma maneira, parecem integrar uma pluralidade de projetos de resistência jornalística, e logo cultural, mas que também é atravessado por verticalidades, na medida em que há a frequente participação de atores externos à realidade regional.

Há unanimidade nas falas dos entrevistados em reconhecer o papel das organizações apoiadoras e da necessidade da existência das mesmas como articuladoras de redes colaborativas entre os independentes. Em direção oposta, é possível problematizar a origem dos recursos financeiros que sustentam as organizações “aceleradoras”, parte vinda de organizações representantes do capital global, o que estabelece um paradoxo com relação às horizontalidades proporcionadas pela dinâmica do apoio e financiamento. Este paradoxo desnuda as forças de verticalidade que de algum modo agem sobre o jornalismo

⁷ Para saber sobre os números alcançados, consultar Oliveira (2021).



independente latino-americano, embora pareçam não repercutir no conteúdo do jornalismo independente, mas talvez modele seus modos de fazer e de compreender as dinâmicas sociais reportadas, uma vez que parte dos financiamentos vêm por meio de editais que normatizam o uso dos recursos.

Destarte, a formação dos territórios pressupõe relações de poder, inclusive em suas formas econômica e simbólica. E na tentativa de compreender o fenômeno do jornalismo independente nos territórios latino-americanos, organizações internacionais como a *Open Society* precisam ser consideradas enquanto agentes que exercem poder e forças exógenas aos territórios, e suas doações, como verticalidades que, de alguma maneira, interferem na dinâmica e nas relações desse espaço-tempo.

E enquanto parte de redes de relações de poder incidentes na região, observa-se uma aproximação entre o papel desempenhado pelas organizações e o desenvolvimento socioespacial latino-americano. Ocorre que boa parte dessas fundações financiadoras têm origem nos Estados Unidos e na Europa, reforçando sua centralidade nas dinâmicas mundiais, assim como a dependência da América Latina.

O jornalismo independente é resultado de um processo histórico-cultural, no espaço-tempo, e de condições de produção que vão delimitando sua forma, com particularidades que exprimem suas desigualdades. A busca das redes de apoio e dos financiamentos indica a busca pela manutenção de seus princípios como a liberdade, a autonomia, e a defesa dos direitos humanos e da democracia, bem como a busca da consolidação de seu compromisso com as causas coletivas e sociais. No entanto, o processo de instituição do jornalismo independente não ocorre isolado em si, nem mesmo movido somente por forças internas ao subcontinente. Pensando com Harvey (2015) e Santos (2014), a articulação dos processos no tempo e no espaço precisam ser compreendidas na dinâmica de forças internas e externas ao espaço que se examina.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, C.W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. **Post-industrial journalism: adapting to the present**. In: Revista de Jornalismo ESPM, São Paulo, Ano 2, Número 5, Abril/Maio/Junho de 2012, p. 30-89. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/363776970/ANDERSON-C-W-BELL-Emilly-SHIRKY-Clay-Jornalismo-Pos-Industrial-In-Revista-de-Jornalismo-ESPN-Sao-Paulo-p-32-89-maijun-2003-pdf>>. Acesso em: 25 set. 2018.



BARRAGÁN, Cristhian. Geografía digital de emprendimientos en América Latina. In: MORELO, Ginna Piedad. **La babel digital**: pistas para un periodismo emprendedor. Consejo de Redacción, Bogotá: 2018.

BENNET, James. The utopia of independent media: Independence, working with freedom and working for free. In: BENNET, James; STRANGE, Niki (coords.). **Media independence**: working with freedom of working for free?. New York: Routledge, 2015. Disponível em: <<http://culturedigitally.org/wpcontent/uploads/2015/01/Introduction.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2019.

CEPAL. **Panorama Social da América Latina 2022**. Resumo Executivo, Santiago (Chile), 2020. Disponível em: <<https://www.cepal.org/pt-br/publicaciones/ps>>. Acesso em: 31 mar. 2023.

COFUNDADOR E DIRETOR DE SUDESTADA. **El periodismo independiente en Sudestada**. Entrevistadora: V. C. Oliveira. 2020. Arquivo de áudio digital (40min). Entrevista concedida à pesquisa A configuração da forma do jornalismo independente nos territórios latino-americanos.

DIRETOR GERAL E COFUNDADOR DA FUNDACIÓN GABO. **La Fundación Gabo**. Entrevistadora: V. C. Oliveira. 2020. Arquivo de áudio digital (31min). Entrevista concedida à pesquisa A configuração da forma do jornalismo independente nos territórios latino-americanos.

DIRETORA EXECUTIVA DO CHEQUEADO. **El periodismo independiente en Chequeado**. Entrevistadora: V. C. Oliveira. 2019. Arquivo de áudio digital (25min). Entrevista concedida à pesquisa A configuração da forma do jornalismo independente nos territórios latino-americanos.

FELIPPI, Ângela Cristina Trevisan; VILLELA, Rosário Sánchez; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da. La espacialidad en el mapa comunicativo de la cultura: producto social y condición del devenir. In: JACKS, Nilda; SCHMITZ, Daniela; WOTTRICH, Laura. **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural**: diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero. Quito: Ediciones Ciespal, 2019.

FUNDACIÓN GABO. **Acerca de la Fundación Gabo**. 2023. Disponível em: <<https://fundaciongabo.org/es/institucion/acerca-de-la-fundacion-gabo>>. Acesso em: 15 mar 2023.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre, set. 2004. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2018.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

HAESBAERT, Rogério; LIMONAD, Ester. O território em tempos de globalização. **Etc, espaço e crítica**, Niterói, v. 1, n. 2 (4), p. 39-52, ago. 2007. Disponível em: <<http://www.ligiatavares.com/gerencia/uploads/arquivos/6477dd13d45c1917f9e8147345657e7e.pdf>>. Acesso em: 21 maio 2018.

HARVEY, David. O espaço como palavra-chave. **Em Pauta**, n. 35, v. 13, 2015, pp. 126-152. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/18625/0>>. Acesso em: 14 abr. 2019.



HORN, Aline Tainá Amaral. O perfil editorial do jornalismo independente no Brasil e na França. **Revista Famecos**, v. 28, jan-dez, 2022, p. 1-15. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/41612/27513>. Acesso em: 10 ago 2022.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, os Estudos Culturais?. In: JOHNSON, Richard; ESCOSTEGUY, Ana Carolina; SCHULMSN, Norma. **O que é, afinal, Estudos Culturais?**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

KARPPINEN, Kari; MOE, Hallvard. **What we talk about when talk about “media Independence”**. 2016. Disponível em: <http://bora.uib.no/bitstream/handle/1956/12265/What+We+Talk+About+When+Talk+About+Media+Independence.pdf?sequence=6>. Acesso em: 27 set. 2019.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

OLIVEIRA, Vanessa Costa de. A configuração da forma cultural do jornalismo independente nos territórios latino-americanos. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) — Universidade de Santa Cruz do Sul, 2021.

OPEN SOCIETY. FOUNDATION. **Who we are**. 2023. Disponível em: <https://www.opensocietyfoundations.org/who-we-are/programs/program-on-independent-journalism>. Acesso em: 30 maio 2020.

SALAVERRÍA, R. et al. A brave new digital journalism in Latin America. In: TUÑEZ-LÓPEZ, M. et al. (Org.). **Communication: innovation and quality**. Springer publishing company, 2019.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: HUCITEC, 1994.

SEMBRAMEDIA. **Punto de inflexión: impactos, amenazas y sustentabilidad. Un estudio de los emprendedores digitais latinoamericanos**. 2017. Disponível em: https://www.omidyar.com/sites/default/files/file_archive/Inflection%20Point/Ponto%20de%200Inflexao.pdf. Acesso em: 20 jan. 2018.

SEMBRAMEDIA. **Quiénes Somos**. 2023. Disponível em: <https://www.sembramedia.org/quienes-somos/>. Acesso em: 10 abr. 2023.

SOUZA, Vitor Hélio Pereira de; SILVEIRA, Márcio Rogério. América Latina: cinco séculos em busca de integração. **Revista Formação**, São Paulo, v. 1, n. 21, p. 42-71, 2014. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/2763/2552>. Acesso em: 13 maio 2018.

VÁZQUEZ, Salvador de León. Esquemas de financiamiento del ciberperiodismo mexicano independiente. **XIV Congreso de la Asociación latinoamericana de investigadores de la comunicación, memorias**, Costa Rica, 2018. Disponível em: <http://alaic2018.ucr.ac.cr/sites/default/files/2019-02/GT%2016%20-%20%20ALAIC%202018.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2020.